

António Costa Pinto*

Prefácio

Leandro Pereira Gonçalves, destacado historiador brasileiro já com uma apreciável obra publicada sobre o Brasil e Portugal contemporâneos, apresenta-nos neste livro um estudo exemplar sobre um dos mais importantes intelectuais e políticos brasileiros, Plínio Salgado.

Intelectual e político indissociável da «era do fascismo», do qual foi a expressão mais visível no Brasil dos anos 30 do século XX, Plínio Salgado teve uma longa vida política, tendo sobrevivido à Segunda Guerra Mundial, criado e recriado partidos políticos na sequência da sua Ação Integralista Brasileira (AIB), até falecer em plena ditadura civil-militar, como deputado da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), o partido dominante criado pelos militares brasileiros após o golpe de 1964.

A AIB foi o partido fascista com maior sucesso fora da Europa, captando segmentos importantes de uma jovem elite intelectual e conseguindo uma implantação política invejável, bem maior do que o seu homólogo português, o Nacional-Sindicalismo (N/S) de Rolão Preto. Mas o movimento de Plínio Salgado acabaria por sucumbir de forma não muito diferente do N/S: seria esmagado nos anos 30 por uma ditadura de direita, dirigida por Getúlio Vargas, que se autodenominaria também Estado Novo. Na sequência de um período de crescente tensão com o novo poder, que passaria aliás por várias tentativas de golpe e movimentações contra Vargas, também eles foram obrigados à dissolução. Os seus chefes conheceram o exílio, entre os quais Plínio Salgado, que chegaria a Lisboa em 1939, só regressando ao Brasil no fim da Segunda Guerra Mundial.

A AIB, enquanto movimento fascista, proveio da unificação de diversos grupos fascizantes criados em inícios dos anos 30. Muito embora a influência cultural do Integralismo Lusitano (IL) se tenha manifestado inicialmente em movimentos de cariz monárquico, como a Ação Imperial Patrianovista Brasileira (AIPB), criada em 1928, com os quais tinha contactos diretos, a literatura autoritária portuguesa conheceu uma difusão significativa no Brasil a partir dos anos 20.

* Investigador coordenador no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL) e professor convidado no Instituto Universitário de Lisboa (IUL).

Como salientaram vários dos seus estudiosos, a formação cultural de Plínio Salgado aproximou-se do IL. Tal processo foi visível nas referências aos seus teóricos, nomeadamente a António Sardinha, Hipólito Raposo, Pequito Rebelo, Alberto Monsaraz e Luís de Almeida Braga. Por outro lado, se o Nacional-Socialismo era visível em alguns dirigentes, como Gustavo Barroso, e o fascismo italiano foi uma marca fundadora de outros, como Miguel Reale, o chefe integralista identificou-se mais com o corporativismo tradicional e espiritualista do IL, a que associava uma matriz católica comum aos seus congéneres lusitanos. O catolicismo foi, no entanto, uma marca mais importante na AIB, a começar por Plínio Salgado, do que no N/S português, cuja elite era mais secularizada.

Plínio Salgado. Um Católico Integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975) é um estudo pioneiro sobre os laços ideológicos transnacionais entre as culturas autoritárias brasileira e portuguesa através do percurso intelectual e político de Plínio Salgado. A sua grande inovação é que este livro segue a evolução de Salgado, de intelectual modernista a construtor do fascismo brasileiro, mas debruçando-se também sobre o seu exílio lisboeta e na sua restante (e longa) vida política, sempre na sua relação com Portugal.

Assim, no capítulo 1, «Plínio Salgado conhece Portugal: formação e desenvolvimento», analisa-se a sua maturação intelectual e a relação entre a *Action française*, o IL e o fascismo. No capítulo 2, «A ‘revolução legal’ e o exílio em Portugal», e no capítulo 3, «Plínio Salgado em Portugal: necessidade de um novo discurso», trata-se de analisar as mudanças no seu discurso político e na sua transmutação em intelectual católico em Lisboa, onde terminou a sua obra de maior difusão, *Vida de Jesus*. Em Portugal, aliás, é associado ao mundo católico, e não ao do fascismo, pois Plínio escreve e participa em inúmeras iniciativas e debates.

Plínio Salgado percorre Portugal, dando conferências presenciais ou radiofónicas e escrevendo para a imprensa católica, cultivando a imagem de um intelectual católico luso-brasileiro, inimigo do liberalismo e do materialismo, ainda que mantenha sempre discretamente as suas relações integralistas com o Brasil, como apresentado no capítulo 4, «Conferencista e escritor luso-brasileiro».

Regressa então ao Brasil e funda o Partido de Representação Popular (PRP), com um discurso político que abandona o discurso fascista, substituído pelo democrata-cristão, ainda que muito marcado pelo autoritarismo orgânico. Nesta fase, muito bem analisada no capítulo «Retorno ao Brasil: um ‘Plínio Salazar?’», nacionalismo e conservadorismo autoritário católico marcam o seu programa político. Esta proposta na-

cionalista e católica é acompanhada por uma defesa do salazarismo, que se estende até à sua morte. No último capítulo aliás Leandro Pereira Gonçalves analisa esta relação com detalhe, quando o PRP é extinto e uma boa parte dos seus dirigentes se associa ao partido dominante da ditadura civil-militar brasileira, a ARENA. Ao mesmo tempo que defende a guerra colonial portuguesa dos anos 60, Plínio chega a propor que a ditadura adopte uma representação corporativa semelhante à do Estado Novo português.

Esta biografia intelectual e política de Plínio Salgado, nos seus cruzamentos com Portugal, representa não só um estudo pioneiro, como contribui de forma exemplar para a história transnacional do fascismo e do autoritarismo brasileiro e português.